

MEMÓRIA E (RES)SENTIMENTO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

STELLA BRESCIANI
MÁRCIA NAXARA
(orgs.)

MEMÓRIA E (RES)SENTIMENTO
INDAGAÇÕES SOBRE UMA QUESTÃO SENSÍVEL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

M519 Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível / Organizadoras: Stella Bresciani e Márcia Naxara. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

1. Historiografia. 2. Memória I. Naxara, Márcia Regina C. II. Bresciani, Maria Stella. III. Título

ISBN 85-268-0687-4

CDD 907.2

153.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Historiografia	907.2
2. Memória	153.12

Copyright © by Stella Bresciani e Márcia Naxara
Copyright © 2004 by Editora da Unicamp

1ª edição, 2001
3ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (<i>Stella Bresciani e Márcia Naxara</i>)	9
1 HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS RESENTIMENTOS (<i>Pierre Ansart</i>)	15
2 PERCURSOS DE MEMÓRIAS EM TERRAS DE HISTÓRIA: PROBLEMÁTICAS ATUAIS (<i>Jacy Alves de Seixas</i>)	37
3 RESENTIMENTO — HISTÓRIA DE UMA EMOÇÃO (<i>David Konstan</i>)	59
Parte I — PERCURSOS DE MEMÓRIA E DE HISTÓRIA	
MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: LINGUAGENS E NARRATIVAS	
4 MEMÓRIA, HISTÓRIA, TESTEMUNHO (<i>Jeanne Marie Gagnebin</i>)	83
5 TUCÍDIDES: A RETÓRICA DO MÉTODO, A FIGURA DE AUTORIDADE E OS DESVIOS DA MEMÓRIA (<i>Francisco Murari Pires</i>)	93
6 FOUCAULT, A DOENÇA E A LINGUAGEM DELIRANTE DA MEMÓRIA (<i>Italo Tronca</i>)	127
7 LITERATURA EM RUÍNAS OU AS RUÍNAS NA LITERATURA? (<i>Edgar Salvadori de Decca</i>)	147

8	“CONCILIAÇÃO” E ESQUECIMENTO: NABUCO E A REVOLUÇÃO (<i>Izabel Marson</i>)	173
---	--	-----

USOS (DIREITO E/OU DEVER) DE MEMÓRIA

9	MUSEU PAULISTA: ESPAÇO CELEBRATIVO E MEMÓRIA DA INDEPENDÊNCIA (<i>Cecilia Helena de Salles Oliveira</i>)	195
10	RESSENTIMENTO E UFANISMO: SENSIBILIDADES DO SUL PROFUNDO (<i>Sandra Jatahy Pesavento</i>)	221
11	MEMÓRIA, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO NO RIO GRANDE DO SUL (<i>Maria Eunice Maciel</i>)	237
12	AVÓS E NETOS NAS CLASSES POPULARES: A RECUSA DE NÃO SE SENTIR EM LUGAR ALGUM E A REDESCOBERTA DE NOVO PROJETO DE VIDA (<i>Paulo de Salles Oliveira</i>)	265
13	DESAFIOS DA MEMÓRIA E DA BIOGRAFIA: GABRIELLE BRUNE-SIELER, UMA VIDA (1874-1940) (<i>Vavy Pacheco Borges</i>)	283

Parte II — (RES)SENTIMENTOS E INTERIORIDADE: DIMENSÕES IMPLÍCITAS NA HISTÓRIA

SUBJETIVIDADES E SENTIMENTOS: O MAL-ESTAR NA CULTURA

14	AUTOCRACIA, RESSENTIMENTO E ENGAJAMENTO POLÍTICO NO PRINCIPADO ROMANO (<i>Carlos Galvão</i>)	311
15	ELEMENTOS PARA UMA ANTROPOLOGIA POLÍTICA DO RESSENTIMENTO: LAÇOS EMOCIONAIS E PROCESSOS POLÍTICOS (<i>Claudine Haroche</i>)	329

16 O RESENTIMENTO — AS MODALIDADES DE SEU DESLOCAMENTO NAS PRÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS. REFLEXÕES SOBRE O USO DA VIOLÊNCIA
(*Michèle Ansart-Dourlen*) 347

17 O RESENTIMENTO E A IGUALDADE: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DA DEMOCRACIA
(*Paul Zawadzki*) 367

RESENTIMENTOS E CONFORMAÇÃO DE IDENTIDADES

18 IDENTIDADES INCONCLUSAS NO BRASIL DO SÉCULO XX — FUNDAMENTOS DE UM LUGAR-COMUM
(*Stella Bresciani*) 399

19 NATUREZA E CIVILIZAÇÃO: SENSIBILIDADES ROMÂNTICAS EM REPRESENTAÇÕES DO BRASIL NO SÉCULO XIX
(*Márcia Naxara*) 427

20 A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO PASSADO QUE NÃO PASSA: SENTIMENTO E RESENTIMENTO DO TEMPO DENTRO E FORA DO CÂNONE MODERNISTA
(*Roberto Vecchi*) 453

21 AMÉRICA DA (DES)ILUSÃO — RESENTIMENTO E MEMÓRIA
(*Elizabeth Cancelli*) 467

RESENTIMENTOS E IDENTIDADES MINORITÁRIAS

22 O RESENTIMENTO DO EXÍLIO: A ESTÉTICA DA PERDA EM ALFRED DÖBLIN
(*Marion Brepohl de Magalhães*) 487

23 A RESPEITO DO RESENTIMENTO IDENTITÁRIO — RELIGIÃO, PASSADO E NACIONALISMO IDEOLÓGICO NA FRANÇA (SÉCULOS XIX E XX)
(*Yves Déloye*) 503

24 ENTRE SENTIMENTOS E RESENTIMENTO: AS INCERTEZAS DE UM DIREITO DAS MINORIAS
(*Geneviève Koubi*) 525

APRESENTAÇÃO

Memória e (res)sentimentos: duas dimensões inefáveis da condição humana quando não somos induzidos ou constrangidos a expor por meio da linguagem, ou melhor, das linguagens, aquilo que guardamos no mais recôndito de nosso foro íntimo. Não pensamos aqui somente na comunicação voluntária de experiências ou na prática da transmissão oral de lendas e tradições entre populações, o mais das vezes iletradas; a preocupação maior busca também o avesso da face historicamente datada da obrigação à memória, essa memória voluntária construída como estratégia de luta política, afirmação positiva de identidade pelos que se vêem excluídos dos direitos à cidadania; rememoração dolorosa, mas não menos afirmativa, de perseguições políticas, religiosas, étnicas, por vezes acompanhadas de práticas violentas de genocídio. Como separar essas memórias de sentimentos negativos, humilhações, afetos ressentidos, rancores e desejos de vingança das evocações da parte sombria, inquietante e freqüentemente terrífica da história?

No colóquio Memória e (Res)Sentimento: Indagações sobre uma Questão Sensível, aceitamos adentrar uma dimensão que exige de nós, historiadores, filósofos, literatos, cientistas sociais, o abandono de antigas verdades e da segurança proporcionada por modos de pensar confortáveis em seu acordo prévio com certezas há muito sedimentadas, afirmações que se tornaram lugares-comuns. Aceitamos o desafio de enfrentar uma viagem menos segura: a de percorrer temas complexos que exigem, para serem explorados, a modéstia, ou talvez seu oposto, a pretensão do exercício interdisciplinar que indaga, duvida e se aventura

em tarefas de desconstrução de moradas do saber, nem sempre recompensado por uma nova edificação.

A questão da memória, com frequência relacionada aos (res)sentimentos, surgiu em meio a uma conversa sobre nossas insatisfações com certas formas consagradas de percorrer temas da historiografia. O ressentimento, enquanto tema de reflexão proposto por Claudine Haroche, foi imediatamente assumido por vários dos componentes do Núcleo de História de Linguagens Políticas: Razão, Sentimentos e Sensibilidades, com sede no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, merecendo de Jacy Seixas a lembrança do papel crucial desempenhado pela memória, especialmente a involuntária, nos sentimentos que antecedem a elaboração de representações de forte teor simbólico e estímulo emocional. Assim, em algumas conversas sucessivas, a questão dos elos entre memória e esse sentimento negativo e mal resolvido, motivador da inércia, mas também desencadeador de atitudes afirmativas, foi se desdobrando em múltiplas direções: a das relações entre os afetos e o político, entre os sujeitos individuais, sua afetividade e as práticas sociais; a da construção de identidades pessoais, de grupos e de nações, identidades densamente alimentadas, cultivadas e acalentadas por cargas afetivas; a da polissemia das palavras, seu uso abusivo, sua âncora cultural ou farol iluminador de modos de sentir diversos do nosso; a das construções intelectuais de ampla acolhida pelo público leitor, aprisionadoras do subversivo ato de divergir.

Sem dúvida, nossa trajetória começa pelo reconhecimento de triarmos o mesmo campo de trabalho do pensamento que ousamos criticar. Começamos por aceitar a tarefa de conceituar as noções com as quais trabalharíamos. Foi essa a incumbência aceita e enfrentada por Pierre Ansart, a quem devemos as indagações que vêm sendo o estímulo maior de nosso intercâmbio, já ao longo de mais de dez anos: a questão dos sentimentos na política, sua percepção e sobretudo sua gestão. David Konstan se encarregou de indagar da pertinência da noção de ressentimento em épocas muito anteriores e em culturas diferentes da nossa. Jacy Seixas, sempre intrigada com a maneira pela qual a história se assenhoreou da memória, foi em busca do campo teórico dessa outra

memória, a da tradição vivida, lembrada e atualizada no eterno presente, vulnerável, afetiva, múltipla e por vezes evanescente como o lampejo de uma sombra fugidia. Memória sediada nessa zona cinzenta de difícil apreensão situada nos limites do intangível, como diz Claudine Haroche ao se referir aos mecanismos políticos que suscitam e encorajam ou toleram um certo tipo de valores, sentimentos e traços de personalidade que perseguem objetivos muitas vezes insidiosos, quando não explicitamente violentos.

Há anos, historiadores, literatos e cientistas sociais têm se dedicado à apreensão da memória-faculdade intelectual, memória-conhecimento, cujas raízes se deitam sólidas e longas no pensamento ocidental; memória que se submete à história e a ela oferece suporte documental importante para suas narrativas. História, por sua vez, alçada à condição de senhora da memória, de produtora de memórias, de uma memória historicizada, que nos apresenta imagens de práticas políticas de demagogos, que desde a Antigüidade clássica conduzem multidões através do império das paixões (Murari). Memória-testemunho de questões políticas e éticas, de lembranças e questões dolorosas, sentimentos de insignificância e de impotência individual, propiciadores de estados psicológicos inesperados, nefastos (Haroche), inenarráveis, cruéis, suicidas (Gagnebin). Memória que pode se desprender de seu referente, adquirindo em sua expressão discursiva um caráter delirante e ao mesmo tempo de eficácia terrível (Tronca). Memórias que transitam pelo apagamento de outras memórias na afirmação impositiva da interpretação unívoca de acontecimentos e orientações políticas conflituosas, que por vezes se impõem na forma material de monumentos arquitetônicos (I. Marson, C. Salles Oliveira). Memórias ressentidas e expressas na forma ufanista de identidades específicas, trabalhadas também pela invenção das tradições (Pesavento, Maciel). Memórias que podem atuar como advertência e rememoração de derrotas nas quais a imagem dos vencidos assume a frente de cenários em ruínas (De Decca), mas que também encontram lugar na afirmação positiva do direito à cidadania por pessoas que, pela condição social e/ou idade cronológica, deveriam se recolher a um não-lugar (P. Salles Oliveira), ou que, por circunstân-

cias ocasionais da vida privada, vêem-lhe recusado o lugar privilegiado da cidadania (Borges).

Estamos certamente em face de memórias que se avizinham de sentimentos de rancor passivo e indefinidamente saciado, como postula Nietzsche. Prisioneiro da inveja e do ciúme, da raiva impotente ou da alegria nefasta, esse homem do ressentimento se vê devorado por uma memória intestina que o invade mesmo a contragosto, como lembra Zawadzki. O recalque da agressividade incapaz de exteriorizar afetos malfazejos pode, em sua dimensão obsessiva, trabalhar a memória de forma a estimular práticas violentas, irracionais, expressão de fúria incontável (M. Ansart), conquanto se preste também a acolher o sentimento esquizofrênico de recusa e aceitação, portador, já na Antigüidade, de garantias de condição social e política (Galvão). Recalque de ressentimentos que entretanto se transmuta na recusa do esquecimento humilhante da exclusão que obriga ao exílio, físico e/ou psicológico, mas que pode fazer da fraqueza e da marginalidade sua fonte de força e estímulo ao desafio (B. Magalhães, Cancelli). Afetos assídua e detalhadamente trabalhados como ressentimentos identitários, étnicos, minoritários ou religiosos, expressos na discriminação negadora do formalismo da lei (Koubi) ou na condenação moral pela Igreja da modernidade laica (Déloye). Afetos trabalhados, ainda, de modo a constituir identidades nacionais fortemente ressentidas, instituindo diferenças dilacerantes, pois projetadas como intransponíveis, localizadas sempre no plano das linguagens simbólica, literária e historiográfica, alimentadas contudo pelas certezas classificatórias da ciência ou do saber cientificista (Naxara, Bresciani, Vecchi).

Questão sensível a das memórias acorrentadas a ressentimentos. Questão delicada, pois nos obriga a explorar regiões e temas a que somos resistentes, parte da história dos ódios, dos fantasmas da morte, das hostilidades, ou do não-lugar dos excluídos e das identidades recalçadas. Sem dúvida, lugar de humilhação, que, porém, com freqüência se apóia na linguagem da resistência passiva ou da aquiescência indecorosa, cúmplice da humilhação imposta por repor sempre uma mesma imagem degradada, tal como faz parcela significativa dos trabalhos acadêmicos,

que, sediados na região privilegiada do saber competente, insistem em afirmar a condição menor de determinados grupos, etnias, nações.

Deixemos, entretanto, para o leitor o desafio prazeroso, esperamos, de percorrer as páginas da coletânea que reúne historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos, teóricos da literatura, para ajuizar sobre o resultado dessas viagens através das terras incertas da memória e dos ressentimentos. Sentimos não publicar os trabalhos de Leila Algranti e de Eugène Enriquez. Os textos desta coletânea constituem a continuidade das reflexões apresentadas por ocasião do Colóquio Sentimentos e Identidades: os Paradoxos do Político, em maio de 1994, publicadas pela Editora da Universidade de Brasília (*Razão e paixão na política*, 2001), parte delas compondo o nº 4 de *Les cahiers du laboratoire de changement social* (Université Paris 7, 1998).

Na organização do colóquio que deu origem a esta coletânea, tivemos o apoio incondicional, financeiro e acadêmico, de Celene M. Cruz e sua equipe da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UNICAMP. Das agências públicas FAPESP, CNPq e CAPES recebemos substancial apoio financeiro, que tornou viável a presença dos colegas de universidades do exterior e de outros estados brasileiros. O CNPq proporcionou também a possibilidade de vertermos para o francês os textos que serão publicados pela Universidade de Cergy-Pontoise. FAPESP e CNPq colaboraram ainda para concretizar esta publicação, que mereceu, é preciso lembrar, acolhimento especial da Editora da UNICAMP e de seus funcionários, que a editaram em tempo recorde. A FAEP deu suporte estratégico para a tradução dos textos de língua estrangeira, colaborando assim ativamente na edição da coletânea. A equipe organizadora é grata a todos os que, com sua presença nas sessões do colóquio, asseguraram um ambiente de acolhida crítica essencial aos objetivos do nosso grupo.

Stella Bresciani

Márcia Naxara

Campinas, 25 de maio de 2001

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS RESSENTIMENTOS*

Pierre Ansart

Universidade Paris VII – Denis Diderot

O tema de nosso colóquio nos leva a refletir sobre três conceitos — ressentimento, história e memória — e sugere o estudo das relações tecidas entre eles. Para responder a esta sugestão, gostaria de propor, primeiramente, uma reflexão sobre o ressentimento e, a seguir, sobre a história e a memória dos ressentimentos. Minha exposição organiza-se, portanto, em três partes: esforçar-me-ei, em primeiro lugar, por reconsiderar as definições do termo *Ressentimento*; a seguir, abordarei a questão da *História*; e, finalmente, a questão da *Memória* dos ressentimentos. Estas três questões levantam um problema central, o das relações entre os afetos e o político, entre os sujeitos individuais em sua afetividade e as práticas sociais e políticas, obrigando-nos a retomar, sob uma nova perspectiva, problemas que dizem respeito à psicologia social, à psicologia do político e à psicologia da história.

Tal pesquisa encontra em nós muitas reticências. É preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento. Vamos, portanto, evocar a parte sombria, inquietante e freqüentemente terrificante da história. Enquanto nos dirigimos espontaneamente às dimensões positivas das relações humanas, esqui-

* Tradução: Jacy Alves de Seixas.

vamo-nos dos ódios, dos fantasmas da morte e das hostilidades ocultas que fazem parte da história. Entretanto, devemos igualmente nos esforçar para compreendê-los e, se possível, explicá-los.

Nietzsche

Em seu ensaio de 1887, *La généalogie de la morale*, Nietzsche inaugurou a problemática inicial de nosso colóquio, elaborando a noção de ressentimento. Ora, o conceito construído neste texto comporta, como escreve o próprio Nietzsche, uma parte polêmica e provocativa que torna a definição de ressentimento, em grande parte, enigmática.¹ O conceito de ressentimento é elaborado, na perspectiva nietzschiana, pelo cruzamento de três abordagens complementares: histórica, psicológica e sociopolítica.

Historicamente, o ressentimento seria o resultado longínquo de um conflito, de uma ação conduzida, no início da nossa era, pela religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas, que possuíam o privilégio de poder exprimir livremente e realizar sua vontade de poder no exercício de sua dominação. Nietzsche evoca várias configurações idênticas desta guerra civil: a luta dos filósofos platônicos contra os guerreiros gregos, a dos padres judeo-cristãos contra os nobres romanos, a dos povoados germânicos contra os senhores arianos. Nestas diferentes situações, reencontra a mesma configuração histórica, caracterizada pela sublevação dos inferiores, pela sublevação dos escravos contra os dominantes. Trata-se de diferentes formas da mesma guerra civil e cultural que se estendeu ao longo de uma história marcada por situações precisas. Nietzsche evoca, sucessivamente, o declínio do Império romano, a degenerescência do Império germânico, a reforma luterana, a revolução de 1789 e a ascensão napoleônica.²

Nessa longa história, Nietzsche retém sobretudo a história dos sentimentos e, essencialmente, a história do ódio. O que anima os padres contra os nobres guerreiros, os escravos contra seus senhores, é o ódio e seus corolários: a inveja, o ciúme assassino, o desejo de vingança. Vá-

rios mitos e teologias e vários autores, antes de Nietzsche, haviam descrito o ódio e suas devastações: a Bíblia faz do assassinato de Abel o símbolo do ciúme delirante; Platão faz do ódio social a paixão dominante dos pobres contra os ricos em uma constituição oligárquica;³ Maquiavel faz da inveja rancorosa a paixão mais perigosa para o poder do príncipe.⁴ Porém não é a história deste ódio direto e assumido que Nietzsche descreve, mas, ao contrário, a de sua interiorização e denegação. O ponto central de sua denúncia designa e analisa o trabalho psicológico através do qual o ódio foi ao mesmo tempo interiorizado e recalcado pelos inferiores, denegado por aquilo que representa e metamorfoseado em valor positivo: a inferioridade transformada em humildade resignada, a fraqueza disfarçada em amor da justiça, o ódio “recalcado” (*zurückgetretene Hass*) transformado, eventualmente, em ódio de si mesmo.

Por outro lado, Nietzsche faz do ressentimento assim compreendido uma verdadeira configuração psíquica e cultural, um *habitus* próprio à civilização judaico-cristã, a sua pretensa *moral* que teria conseqüências sociais e políticas múltiplas e socialmente decisivas. O ressentimento estaria na base do igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas e, em uma só palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais.

Assim, *La généalogie de la morale*, texto sombrio e atormentado, mescla à concepção do ressentimento uma filosofia da história, uma crítica das religiões, uma denúncia da moral, um conjunto de juízos sobre a vida política da Europa no final do século XIX e um diagnóstico sobre sua decadência. Texto em que se cruzam múltiplos fios e no qual é difícil se extrair uma definição de ressentimento sem abandonar uma parte das hipóteses que o constroem.

Max Scheler, Robert K. Merton

É precisamente ao trabalho de definição, pela desconstrução do conjunto das teses nietzschianas, que se dedicaram autores que procuraram reter apenas a significação do conceito de ressentimento. É o que se pro-

põe Max Scheler, tomando unicamente por objeto a descrição fenomenológica do ressentimento. Dessa forma, ele abandona as hipóteses históricas de Nietzsche em proveito de uma análise dos diferentes componentes do ressentimento, análise que pode ser estendida a diversas civilizações. Max Scheler separa-se, no essencial, das teses nietzschianas, opondo ao niilismo de Nietzsche sua filosofia de valores.⁵

Ao término dessa desconstrução da síntese nietzschiana, o sociólogo esforçar-se-á para conservar dos debates uma definição mínima e não dogmática do ressentimento. É o que propõe Robert K. Merton, em artigo reproduzido no livro *Eléments de théorie et de méthode sociologique*.⁶ Merton descarta as hipóteses provenientes da filosofia da história, assim como a polêmica anti-religiosa, e afasta os juízos generalizantes sobre a decadência do Ocidente, mantendo unicamente o sistema socioafetivo designado pelo termo ressentimento. Ele evita, igualmente, entrar no debate sobre a filosofia de valores e o niilismo, remetendo implicitamente essa discussão à reflexão metafísica ou à religião. Sua definição sucinta retém, assim, três “elementos”, segundo o próprio vocabulário de Merton: “O primeiro compõe-se de sentimentos difusos de ódio, de inveja e de hostilidade; o segundo é a sensação de ser impotente para exprimir de forma ativa estes sentimentos; o terceiro é a experiência continuamente renovada de impotente hostilidade”.⁷

Esta definição faz do ressentimento, portanto, em conformidade com uma parte do projeto de Nietzsche, um conjunto de “sentimentos” em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, “a experiência continuamente renovada” da impotência rancorosa.

Mas poderíamos nos contentar com esta definição limitada, tendo em vista as situações históricas da segunda metade do século XX, repleta de conflitos e violências que tiveram, como uma de suas determinações, formas diversas de ressentimentos coletivos: guerras civis e internacionais, crimes coletivos, conflitos raciais e religiosos, extermínios de populações metodicamente organizados, genocídios? Parece-me que, para se viabilizarem pesquisas concretas sobre o ressentimento, são necessários várias precisões e acréscimos à definição de Merton.

Complementos para uma definição

É preciso, primeiramente, atentar à diversidade das formas de ressentimento e falar de ressentimentos no plural e não de um ressentimento que tomaria as dimensões de uma essência universal. Se admitirmos, como o faz Max Scheler, que pode existir, por exemplo, um ressentimento ligado às relações entre grupos de idade, convém especificar precisamente os caracteres de tal sentimento e sublinhar tudo aquilo que separa tais afetos difusos do ressentimento recíproco que pode opor, por exemplo, duas classes sociais ou, ainda, duas etnias.⁸ Pode-se afirmar que *A genealogia da moral* apresenta, por outro lado, dois tipos opostos de ressentimentos: o primeiro, amplamente comentado, é o dos fracos, dos dominados e dos padres ascéticos. Nietzsche não esconde seu próprio ódio por estas populações dominadas, pelos padres judeus e cristãos, pelos socialistas e anarquistas, e expõe implicitamente a segunda forma de ressentimento, impregnado de desprezo, que é o dos nobres decadentes, estes poucos super-homens dos quais Nietzsche exalta a grandeza, que não acalentariam senão arrogância e desprezo em relação a todos os fracos. Encontra-se, assim, evocado um outro ressentimento, eventualmente tão destruidor quanto o primeiro: o ódio recalcado dos dominantes quando se encontram em face da revolta daqueles que consideravam inferiores. Ressentimento reforçado pelo desejo de reencontrar a autoridade perdida e vingar a humilhação experimentada. Este ódio não é menos “recalcado” e contido que aquele do escravo: insere-se na prática dos dominantes de conter as manifestações de seu ódio e desejos de vingança.

Uma segunda precisão diz respeito à intensidade dos ressentimentos. Tanto Nietzsche como Scheler parecem pensar que o ressentimento existe como um todo e que um indivíduo ou um grupo são, ou não, portadores deste sentimento. Mas a experiência comum coloca-nos sobretudo em presença de intensidades variáveis e graduais. Seria extremamente arbitrário colocar num mesmo plano uma hostilidade comum, tal como vemos manifestar-se nas sutis estratégias de afastamento existentes entre comunidades culturais diferentes, e, por outro lado, os delírios crimi-

nosos de um genocídio. Em um texto consagrado ao ciúme, Freud propõe distinguir, ao menos, três níveis de intensidade: primeiramente, o ciúme que qualifica de “comum” e do qual todos seríamos, em geral, portadores; a seguir, o ciúme “constituído”, ligado a uma situação de rivalidade e passível de tratamento e reflexão; e, enfim, o ciúme “delirante”, que pode eventualmente conduzir ao suicídio.⁹ Estas distinções, em meu ponto de vista, poderiam servir de inspiração na abordagem das situações concretas de ressentimento.

Uma terceira proposição é a de enfatizar não apenas os sentimentos e afetos dos indivíduos, mas, de forma complementar, as representações, as ideologias, os imaginários, as crenças (e, portanto, as religiões), os discursos, que presumimos desempenhar papel relevante no devir dos ressentimentos. Nietzsche, como Max Scheler ou Norbert Elias, ressalta os sentimentos e os afetos. Mas o estudo da duração e, eventualmente, das evoluções dos ressentimentos pode nos remeter à história das imagens, das palavras e dos conteúdos imaginários.¹⁰

Uma quarta proposição concerne ao papel específico desempenhado por certos indivíduos e grupos limitados — porta-vozes, escritores, líderes carismáticos, seitas e minorias ativas — no interior dos movimentos sociais e das sensibilidades comuns. Nietzsche dá um bom exemplo destas distinções quando acusa um grupo limitado, os padres, e faz deles os principais artesãos na formação de um ressentimento. Mas, frequentemente, Nietzsche e Scheler não resistem às simplificações da linguagem e têm tendência a admitir que grandes grupos — os escravos, os nobres, os operários — têm, todos eles, as mesmas reações emocionais e as mesmas atitudes. Fato difícil de admitir. É preciso, portanto, refletir com mais acuidade sobre o papel daqueles que poderíamos chamar de “provocadores” de ressentimento.

A quinta proposição diz respeito às conseqüências e manifestações do ressentimento. Sobre este ponto, encontramos a mesma hesitação nas três definições lembradas. Todas sublinham o caráter de inibição e impotência do ódio. Nietzsche opõe o que denomina de “ódio recalçado”, próprio do ressentimento, à agressividade direta do guerreiro quando em combate. Max Scheler ressalta a “ruminação” própria do homem